

APRENDIZAGENS DA PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE), EM FORTALEZA¹

Raquel Carine Martins Beserra
Mestre em Educação Brasileira
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

O trabalho reflete a aprendizagem da pesquisa por alguns estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza. Com isso, o objetivo geral foi estudar a formação inicial para a pesquisa. Para tanto, os objetivos específicos foram: a) Caracterizar as estratégias dos estudantes para o exercício da pesquisa e b) Examinar como tem sido construída a rotina para tal atividade. A abordagem metodológica foi de cunho qualitativo com base nos fundamentos da dialética. Para os procedimentos, utilizou-se da observação direta, de questionários abertos e das entrevistas semiestruturadas. Dentre os resultados, há: fragilidade na construção da autonomia; ausência de maiores discussões sobre os fundamentos científicos; pouco conhecimento sobre os aspectos teórico-metodológicos. A pesquisa, uma exigência e um direito para compor a formação do pedagogo, é uma atividade que pede uma rotina, e mais do que isso, ela pede orientação porque estamos lidando, sobretudo, com a formação inicial.

Palavras-chave: Pesquisa. Formação Inicial. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho reflete sobre o exercício da pesquisa científica vivida através da produção do texto monográfico por parte de estudantes do curso de pedagogia da UECE, em Fortaleza. Nos últimos anos, venho compreendendo a emergência para o trato com a pesquisa na formação inicial de pedagogos a fim de lidarem com realidades sociais e culturais complexas, a exemplo da escola pública².

Para além do ensino, a escola, ultimamente, deve cumprir com reflexões junto à realidade a qual está inserida. Aspectos que se coadunam com os debates da Conferência Nacional de Educação (Conae), da Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Lei 10.639/2003 que trata das questões étnico-raciais afrodescendente e indígena no currículo escolar e das próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de 2015.

Lanço a hipótese de que a formação inicial para a pesquisa, para a prática que investiga, questiona e busca romper com o que está estabelecido é parte importante para dialogar com essas emergências, pois é parte da pesquisa³ a apropriação e a construção das visões de mundo, digam-se

¹ Trabalho de pesquisa (monografia) do curso de Ciências Sociais na Universidade estadual do Ceará (UECE).

² Como educadora da rede pública de ensino de Fortaleza, tomo essas reflexões como fundamentais para a minha formação e compreensão da realidade a qual estou inserida.

³ Ressalto que o ensino e a extensão também devem cumprir com esses elementos.

teorias que o educador vai construindo para lidar com determinadas e diversas realidades, influenciando, sobremaneira, seu modo de agir no processo educativo. Mas, é preciso atentar para as diversas concepções de pesquisa, concordo com Freitag (1994, *apud* FARIAS, 2013, p. 15) quando a autora afirma que “[...] o conhecimento não é só neutro, como também é político, ou seja, produzido a partir de interesses presentes, inclusive, no confronto que o homem estabelece com o próprio homem.” E ainda com a autora supracitada é importante ressaltar que “a ciência funda-se em teorias que sustentam os argumentos de quem os produziu, portadora de interesses que se manifestam a serviço de grupos ou classes sociais”.

Com isso, o objetivo geral desta pesquisa foi estudar as aprendizagens da pesquisa científica por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará e suas implicações na produção do conhecimento. Além do objetivo geral, propôs como objetivos específicos: a) Caracterizar as estratégias que os estudantes empreendem para o exercício da pesquisa e b) Examinar como os educandos têm construído suas rotinas para a produção monográfica, considerada aqui como uma das principais atividades individuais e iniciais de pesquisa no meio acadêmico.

A abordagem metodológica foi de cunho qualitativo, tomando como objeto de estudo a aprendizagem da pesquisa por estudantes do curso de Pedagogia da UECE. Tipo de pesquisa que, segundo Bogdan e Biklen (1994) envolve a obtenção dos elementos descritivos a partir da relação direta do pesquisador com a realidade investigada. Utilizei de procedimentos próprios da pesquisa de tipo qualitativa, como a observação direta, conversas informais, questionários abertos e entrevistas semiestruturais⁴.

O artigo se organizou da seguinte forma: num primeiro momento, exponho a revisão de literatura, posteriormente alguns resultados sistematizados; por último, traço algumas considerações finais.

2. A PESQUISA E A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS

De acordo com a revisão de literatura, alguns estudos tratam tanto de refletir sobre a produção do conhecimento por parte de estudante como sobre a importância da formação inicial de professores em diálogo com a pesquisa.

⁴ Escolhas que serão descritas no capítulo subsequente que trata da abordagem metodológica.

No que se refere à produção de conhecimento, os estudos realizados por Ribeiro *et al* (2012) apontam que parte dos docentes da Universidade possuem determinadas concepções teóricas que implicam na formação inicial dos estudantes, uma vez que carregam heranças onde há uma hegemonia de absolutizar as teorias, traduzindo-as como verdades absolutas. A postura do professor diante dos educandos não é parte apenas da estrutura da universidade. Historicamente, a escola, enquanto instituição legítima do conhecimento científico, costuma lidar com este tipo de saber como superior aos demais saberes, porque dito como “universal”, portanto, também cumpre a função de hierarquizar e classificar. Lembro Martins (2008, p.9) para pensar sobre esse processo educativo quando aponta que a existência do homem simples⁵ está “atravessada por mecanismos de dominação e alienação que distorcem sua compreensão de História e do próprio destino”.

Ainda com Ribeiro *et al* (2012, p. 108),

[...] resulta a dificuldade de repensar suas concepções, de reelaborar o pensamento, e de redefinir sua postura. Isto o leva a repetição e à falta de flexibilidade no modo como lida com o conhecimento em sala de aula, e o induz para certa arrogância que gera, por sua vez, dificuldade de ouvir, de aprender e reaprender.

É interessante a análise da autora, pois coincide com alguns depoimentos de docentes do curso de Pedagogia que, em reuniões ou conversas informais, têm debatido sobre o contexto da aprendizagem acerca da pesquisa através da produção monográfica. Alguns reforçam a noção de que os estudantes são “fracos”, não escrevem e não lêem como deveriam para vivenciar a “academia”. Outros reiteram que os estudantes não cumprem prazos, não se interessam. Por outro ângulo, outros pensam que nós docentes precisamos nos sensibilizar e partir da realidade dos estudantes, tendo o educador um papel de mediador. Ou seja, como afirmou uma das professoras do Núcleo de Pesquisa “não dá para enquadrar os educandos a partir das nossas expectativas, sendo preciso pensar a realidade própria dos educandos” (Relato realizado durante uma Reunião do Núcleo de pesquisa do curso de Pedagogia da UECE, maio de 2015).

E o que nos dizem os estudantes sobre as suas aprendizagens?

2.1 O tempo, a rotina e as trajetórias: há (des) cotidianização para a formação em pesquisa?

A área de pesquisa é permanente, como relata um dos estudantes, este é um dos princípios da Universidade, compondo um dos eixos centrais para todos aqueles que percorrem os caminhos

⁵ Ao conceituar o Homem Simples, Martins (2009, p.9) ‘Todos nós somos esse homem que não só luta para viver a vida de todo o dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido’.

do ensino superior. Entretanto, há aquilo que é idealizado, fruto de conflitos, debates e disputas, por outro lado, há o que de fato se põe em prática.

De acordo com os levantamentos, cada estudante vai construindo um cotidiano que é possível para as suas condições de vida e especificidades de gostos, desejos e motivações para tal trajeto, ainda que essa rotina não atenda às qualidades fundamentais para uma aprendizagem satisfatória. A pesquisa, uma exigência e um direito para compor a formação inicial e continuada, é uma atividade que pede uma rotina⁶, um tempo e uma elaboração e mais do que isso, ela pede orientação porque estamos lidando, sobretudo com a formação inicial. Aqui é um primeiro exercício, um primeiro encontro que precisa ser cuidado, como apontou uma das estudantes.

Nesse sentido, tenho construído a ideia de que a prática da pesquisa, muitas vezes, não vem sendo apropriada como produção de conhecimento autônoma e criativa pela maioria dos estudantes. Pelo contrário, parte das vivências em relação à pesquisa vem se constituindo de maneira arbitrária e impositiva na medida em que não se trata de uma escolha, muitas vezes, consciente e comprometida⁷.

Sobre as leituras e as aprendizagens das produções durante a graduação, alguns estudantes pontuam o seguinte: A leitura deve ser mais detalhada, analisando cada ponto do texto, além de sistematizar as ideias principais dos autores; Grifa-se com marcadores, consultam-se dicionários para palavras complexas; Quando não se compreende a leitura, não se retorna ao texto, passa para outro momento; Após a primeira leitura, buscam-se resumos e definições de palavras, depois ficham as ideias no próprio texto; Textos difíceis são aqueles que não trazem exemplos práticos, relacionadas à realidade; A correria dos semestres, a quantidade de disciplinas e os prazos curtos atrapalham a boa compreensão; Há textos “enfeitados” que utilizam palavras complexas para o público, no início do curso não se entende muito, o professor precisa ter o cuidado de escolher as leituras; O gosto pelo que se está lendo influencia na compreensão, o desinteresse pelo tema é certamente um obstáculo; por fim, há a ideia de que quanto mais se exercita a prática da leitura, mais cria-se o hábito de ler.

⁶A rotina de que falo não é a rotina do horário e dia ‘certos’, por exemplo, que o currículo sugere. A rotina de que trato é a rotina construída pelo próprio estudante dentro de suas especificidades, dentro da sua compreensão do que seja a pesquisa e a importância para o seu processo formativo. Falo de uma rotina que deve vir com autonomia e aprendizado cotidiano.

⁷ Um dos aspectos preocupantes neste processo são os relatos de alguns estudantes que pensam em estudar determinado fenômeno educacional e são ‘orientados’ a não prosseguir com a investigação, pois não há estudos realizados sobre, ‘vai ser difícil’, ‘você não vai dar conta’, ‘é melhor mudar’ [...] Bloqueando possibilidades de empreender estudos que lhes chegam como primeiros motivos.

De maneira geral, os estudantes apontam para aprendizagens comuns, como a necessidade de buscar estratégias que são possíveis, como o fichamento, os marcadores, o pensar sobre o que foi lido e exercitar a prática da leitura. Por outro lado, acho preocupante aos estudantes que se limitam a fazer leituras daquilo que compreendem ou que dizem ter mais afinidade, não retomando um texto que consideram “complexos” e/ou incompreensíveis.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os estudantes há muitas lacunas na formação para a pesquisa. Eu arrisco a dizer que muitos vivenciam “arranjos” em meio às dificuldades para prosseguir no ensino superior que, num país como o Brasil, ainda é regalia ocupar uma vaga pública, pois esta não se democratizou, é um espaço que segrega socialmente (mesmo com o estabelecimento de cotas de diversas ordens).

A rotina e o tempo são aspectos fundamentais para a formação acadêmica. Todavia, foi ressaltado que quando se fala de rotina e tempo a investigação não se referiu para o comprimento de horários e assiduidade. A rotina de que se fala é a rotina que deve ser própria dos estudantes na medida em que este vai adquirindo autonomia e entendimento de suas aprendizagens. Para boa parte dos alunos, é preciso conciliar trabalho e estudo, família e amigos. Vivemos num país em vias de desenvolvimento em que a maior parte da população não dispõe de bens materiais e espirituais para gozar de qualidade de vida. É preciso conciliar o sustento com as exigências da formação superior. Nesse percurso, grande parte dos alunos que participaram da pesquisa expõe que a rotina se dá de acordo com o que o curso de graduação propõe.

Em relação à pesquisa, é unânime a visão de que os estudantes que dispõem de bolsas e/ou tempo têm saltos qualitativos na formação na área. Distantes dessa realidade ficam aqueles que não trabalham na área de educação, aqueles que não possuem bolsas de pesquisa, extensão e/ou mesmo monitoria. Ressalta-se que a carga horária do curso noturno sempre é reduzida em virtude de vários fatores, dentre eles a segurança, entretanto, este elemento só reafirma que os alunos associam a rotina de estudos ao estar no curso. Aspectos que vão comprometer a construção científica, a construção de conhecimentos, pois se trata de uma atividade que exige fundamento, elaboração, reflexão, criatividade e crítica e, para alguns, a Universidade não vem contribuindo para tal.

Em meio às dificuldades e às críticas, grande parte dos estudantes que participou da investigação, compreende que é importante a formação para a pesquisa. Boa parte acredita que o profissional que trabalha com educação precisa estar atualizado, precisa ter criticidade e atento às constantes mudanças advindas da realidade social. Para tanto, verificam que é preciso ter uma

rotina, mais disciplina, mais orientação, além de estudos periódicos. Um dos estudantes chegou a apontar que a Universidade poderia criar condições para o aprendizado satisfatório dos alunos, um espaço para aprender a estudar, por exemplo.

Em síntese, os caminhos percorridos pelos estudantes estão circunscritos no chão da Universidade. E creio que um primeiro momento é a permanente ideia de avaliação entre os sujeitos que compõem o curso a fim de que a Universidade não apenas siga orientações nacionais (não se tratar de dizer o que é mais importante, todo processo que agrega participação de diversos setores, sobretudo da sociedade civil é de extrema importância), mas observar o nosso “chão”, o local de nosso cultural, dos sujeitos, dos espaços educativos e propor um cotidiano criativo a partir de realidades concretas.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert C. e BIKLEN Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada**. Brasília: 2015.
- BRASIL. **Conferência Nacional de Educação (Conae)**. Brasília: 2014.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, 13 de julho de 1990. Brasília: DF, 1990.
- FARIAS, Isabel Maria S. de (Org.). **Pesquisa e Prática Pedagógica III**. UECE: Fortaleza, Volume II, 2ª edição, Assis, 2013.
- MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIBEIRO, Rosa M. B.; PEIXOTO, Renata C.; COSTA, Expedito W. C.; PINHEIRO, Joserlene L. (Orgs.). **Leitura e Construção do Conhecimento na Universidade**. Fortaleza: EdUECE/ABEU, 2012.